

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 28 de Setembro de 1856.

N. 5.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

V

ESTUDOS HISTORICOS

I.

VIRIATO.

VI.

O demasiado orgulho de Galba impellia-o ao precipicio. Fiado em certos precedentes pensava comprehender os Lusitanos, e extinguir para sempre a idéa de independencia que animava o coração d'estes bravos. Elle, como os seus predecessores, julgou a victoria ganha d'antemão, porque para os Romanos qualquer resistencia era impossível. Duvidando da existencia de uma liga poderosa, duvidava tambem do character com que ella se apresentava. Os rumores surdos de revolta suffocavam-se sob a pressão do seu orgulho de conquistador, e como quasi sempre succede o resultado tendia para a approximação de um golpe decisivo. Os perigos, e sobre tudo uma experiencia de annos, tornára os Lusitanos cautelosos. Com quanto as suas forças fossem diminutas elles fizeram uma denodada resistencia, e Galba vio-se forçado a empregar os meios extremos.

Reforçou com novos auxilios as forças que oppunha ao inimigo, animou os soldados e conseguiu romper as compactas fileiras dos Lusitanos. O sangue correu com abundancia de parte a parte, os conquistados venderam a vida por bom preço, e conhecendo que se sacrificavam sem proveito retiraram-se o menos desordenadamente possível. Galba contentou-se com este fraco triumpho, e mandou em perseguição d'aquelles. As tropas do Pretor estavam exaustas de fadiga, combatiam mais por dever do que enthusiasmo. Foi a sua perda. Os Lusitanos notaram este entraqüecimento, resistiram de novo, e d'esta vez tornaram-se vencedores. Tito Livio, Eutropio e

Paulo Oronio affirmam que a muito custo puderam escapar o Pretor, e algumas pessoas do seu sequito, retirando-se com confusão para Cormone, perto de Seyilha. Galba ahí se conservou por algum tempo, fortificando-se com receio que seus implacaveis inimigos fossem além. Os Lusitanos porém contentavam-se em guardar a defensiva, recolheram-se pois ás suas terras. As colheitas approximavam-se. D'esta vez elles a fizeram em paz. Galba não descansava. A sua derrota envergonhava-o, e as noticias de Roma não eram para animar. Desejoso de vingar-se, provando assim que a sua popularidade não havia de ser offuscada, chamou tudo ás armas e pode reunir um exercito de 20.000 combatentes. Foi com tão formidavel numero que elle penetrou no paiz des Turdetanos (*). Dissemos acima que os Lusitanos reduziam-se quasi sempre a guardar a defensiva. Industriosos entregavam-se todos á lavoura, e era preciso que tentassem roubar'os ou escravizal'os para se erguerem altivos como sempre faziam.

Resentiam-se da falta de um character vigoroso e energico que os enthusiasmasse. Não tinham um chefe poderoso que em linguagem eloquente e patriótica lhes despertasse de todo o desejo ardente de independencia; era por isso que os Romanos os apanhavam quasi sempre de sorpresa. Ainda d'esta vez Galba triumphava. Os Lusitanos appellaram para a paz, por que a sua demasiada negligencia tornara-os inoffensivos. Cicero apresenta o Pretor como um homem dotado d'essa eloquencia pittoresca, mas persuasiva.

Debaixo de uma capa de bonhomia occultava os mais atrozes designios; acolheu pois os Lusitanos como amigos e auxiliares, descreveu-lhes os inconvenientes de uma guerra surda, disse-lhes que os Romanos tinham entrado na Hespanha resolviodose a tornal'a uma nação forte, e que elle mais que nenhum Pretor desejava assegurar-lhes uma paz duradoura, que podesse tornal-os felizes e oppulentos.

Retirae-vos pois para vossas casas, acrescentou elle, nomeai um chefe d'entre vós e d'aquelles que ficaram do lado opposto, procura-me reves-

(*) Algarve.

tidos de plenos poderes, e de commum accordo dar-vos-hei novos limites para residirdes. Os Lusitanos acreditaram em tudo, como as promessas eram muitas concordaram nas propostas.

Ha muito que elles tinham mostrado desejos de viverem em novas commarcas; a guerra impedira-os de realisal-os. Agora porém era o proprio Pretor que lh'os offerencia, por conseguinte deram-se pressa em satisfazer os pedidos d'elle.

Apresentaram-se divididos em tres turmas, deixando a meia legoa do lugar o resto dos muitos que quizeram acompanhal-os. Galba agradeceu-lhes a promptidão Esquecia-nos declarar que essas turmas compunham-se tambem de mulheres e meninos, o que dava a este tratado um caracter solemne e imponente. O Pretor fez chamar os Luzitanos que esperavam retirados. Expoz-lhes com brandura que era uma falta de confiança nos Romanos apparecerem armados; taes meios empregou tantos esforços fez que pode resolver-os a deporem as armas.

Não contando com a traição dos seus inimigos cederam de prompto a esta exigencia. Os olhos de Galba brilharam de odio e vingança satisfeita.

A um signal seu, homens, mulheres e meninos foram passados a fio de espada.

O infame receando que podessem escapar alguns prevenira-se de tal modo que a carnificina foi immensa. Os gritos dos homens, as lagrimas das mulheres e os pedidos das crianças, nada pôde tocar o coração do barbaro! O sangue alastrava o chão, e os ais de dôr repercutiam de montanha a montanha, parecendo elevarem-se até ao céo—pedindo vingança!

Um homem assistia a este horroroso espectáculo contemplando com dôr e vergonha a infame acção do Romano. Seus olhos fixaram-se por um momento no corpo inanimado de uma criança, estendeu a dextra por sobre seu cadaver, e disse: Juro pelos deoses que vingarei tua morte e a de todos os Luzitanos que jazem n'este campo!

E temendo ser sacrificado escapou do meio dos seus inimigos, e atrevesando vales e montanhas chamou os Luzitanos á guerra. Guerra atroz e desapiadada!

Este homem era Viriato!

Deixemos Scipião Emiliano destruir Carthago, e vamos ao herce portuguez.

(Continua.)

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação).

Despreso.

Carlos tinha uma irmã casada em Castello de Paiva. Poucos dias antes do rapto de Luiza recebeu elle uma carta na qual reclamava a sua presença neste lugar, pois que tendo seu cunhado partido para uma viagem, sua irmã não podia pleitear o direito que tinha á um extenso campo contiguo á casa em que residia, e que lhe era contestado, agora que seu marido estava ausente..

Carlos deu-se pressa em partir.

Antes porém de o fazer soube que o malvado Lourenço tentava o que fosse sobre a sua bem amada Luiza. O dever chamava-o a outros lugares, não trepidou um momento, e para prevenir as pessoas interessadas escreveu ao Dr. Gama a carta que os leitores conhecem já.

Elle contava demorar-se apenas dous dias, mas as cousas estavam mais adiantadas do que supunha. As partes pleiteavam sem descanso; o mancebo informou-se da natureza da reclamação, e conhecendo que era injustissima, empregou todos os meios da persuasão para affastar o renitente demandista do seu louco proposito.

Este não lhe deu ouvidos, e declarou-lhe que continuaria a advogar os seus interesses.

Carlos procurou a autoridade competente e expoz-lhe a sem razão do homem. O direito de sua irmã era incontroverso, o aggressor foi por fim condemnado, e aquella continuou na posse do campo em questão.

Carlos despedio-se della, e regressou a casa. Não quiz abraçar seu tio sem saber exteriormente o que succedera durante a sua ausencia.

As novas eram terriveis. Pessoa alguma ignorava o desaparecimento de Luiza, mas nenhuma dellas podia ir além.

O mancebo entrou em casa triste e sombrio. A luta entre elle e Lourenço ia recommear, mas desta vez um delles havia de pagar com a vida as suas mutuas exigencias.

Mathilde estava só. O seu isolamento augmentára o amor que consagrava a Carlos, e sem a sua presença a vida tornava-se-lhe pezada.

Elle voltava, ia viver de novo debaixo do mesmo tecto, ao lado della. A joven escutaria a sua voz, enebrear-se-hia em contempla-lo a furto, podia de um momento ao outro ouvir de seus labios essas expressões ternas e consoladoras que nascem de uma amizade profunda; Mathilde emfim seria mais feliz.

— Carlos... Carlos! exclamou ella, indo ao encontro do mancebo.

Reflectindo porém que não tinha o direito de

fallar-lhe assim, parou, deixando cahir a cabeça sobre o peito.

— Então não queres abraçar-me? perguntou o mancebo sorrindo-se.

— Ah! ...

E Mathilde precipitou-se nos braços que lhe offereciam.

* Esse grito partido do intimo d'alma revelava o amor profundo que sentia por Carlos, elle exprimia mais que todas as cousas.

— Oh! como tardava tanto! disse ella com inflexão dolorosa.

— E pensas que não estava ancioso por ver-te e abraçar-te?!

E eu?... Tu, minha pobre Mathilde, tu devias soffrer muito, porque não tinhas a teu lado quem te consolasse, quem te dissesse que és um anjo; mas agora aqui estou, e se Deos, como creio, permittir que eu vingue Luiza como desejo, não te deixarei mais; seremos em commum o que poderemos ser no meio desta sociedade pervertida.

— Vai partir outra vez?

— Vou, porque as occurrencias que tiveram lugar durante a minha ausencia devem necessariamente influir no futuro que te preparo. Oh! havemos de ser todos felizes, Luiza comigo, e tu... fallaremos nisso depois, por agora reflecte na minha posição, merece-te indulgencia, porque se trata daquella por quem daria a vida se preciso fosse.

— Se elle me amasse assim! pensou Mathilde.

— Adeus, Mathilde, até já; tenho tal pressa em convencer-me de uma idéa que me assaltou á noticia do rapto de Luiza, que nem vou em casa de seu pai. Mme. Adelaide pôde dizer alguma cousa a este respeito....

— E' verdade, onde está Domingos?

— Desde ante-hontem de manhã que me não apparece; seu tio disse-me que elle andava *de érdens*.

— Meu tio tem uma feliz organização, nada o commove, nada é capaz de alterar aquella physionomia impassivel....

— Que agradável companhia livesle!

— Engana-se, Sr. Carlos; seu tio é tão bom para mim, que desejava poder estar sempre a seu lado... Hontem conversamos largas horas; se o seu modo de exprimir-se não encerra a poesia que admiro no senhor, ao menos não se torna enfadonho.

— A tua demasiada bondade tudo póde.... vamos, quantos não invejarão esse character ingenho e primitivo com que te revestes sempre que se trata dos estranhos?!... E' pena que eu não possa apresentar-te a outra sociedade que aprecie melhor as qualidades que te adornam.

— Lisongeiro! disse Mathilde sorrindo-se; sei porque sou hoje o seu *enfant-gaté*, como vai dei-

xar-me de novo usa dessa linguagem para que eu lhe perdôe.

— Então? •

— Nada tema, o senhor conhece de antemão que não posso condemna-lo....

Como sou desastrada! continuou ella levantando-se; esquecia-me dizer-lhe que vieram trazer aqui uns livros.

E para recuperar o tempo perdido correu para o seu quarto, e voltou pouco depois com um caixão pequeno.

— Ei-los; sei que são livros porque me disseram, o caixão está como veio.

Pertencem-te esses livros.... espera, vou abrir o caixão, quero ver o que me dizes da offerta.

Carlos rebentou a tampa do caixão, e tirou de dentro alguns volumes magnificamente encadernados.

— Lamartine, Hugo, Garret!... bravos! exclamou Mathilde com um alegria intima e infantil.

Mais? proseguio ella commovida.

— Todos os autores que amas, respondeu Carlos; tem Petrarcha também.

A unica cousa que podes agradecer a Mme. Adelaide é o ter-te ensinado as linguas em que ha sido escripta a melhor e a mais bella poesia do mundo. Falta uma cousa para completar o cathalogo das tuas mais queridas distrações — um piano; descansa, porém, que cedo o terás. Musica, poesia e amor, eis as tres cousas de que as mulheres fazem o seu pensar quotidiano.

— O que acontece com o senhor, disse Mathilde sorrindo-se; reclamo em nome do meu sexo offendido a excepção do seu principio.

— Concedido, respondeu Carlos dispondo-se a sair.

— Já?

— Ha mais tempo devera ter partido.... adeus.

— Não será permittido ao irmão beijar a irmã na frente? disse a joven quando o mancebo ia descendo as escadas.

Será sempre assim, continuou ella, aproximando-se da janella, talvez para acompanhar com a vista e o coração áquelle que a não sabia comprehender!

(Continúa.)

Descobrimto da America.

(Continuação n. do 4.)

Colombo foi então conduzido perante Fernando e Izabel, aos quaes elle narrou a sua viagem e as differentes descobertas que elle havia feito; em recompensa do que, recebeu de seus soberanos muitos beneficios, e foi nomeado vice-rei de todas as terras, que tinha descoberto e que descobrisse.

Colombo partiu de novo para uma segunda expedição, nesse mesmo anno de 1493; mas como a sua felicidade e o seu feliz successo haviam despertado intrigas entre os que invejavam a sua gloria, elle foi desta vez acompanhado por juizes, que deviam velar sobre a sua conducta. Colombo, chegando ás Antilhas, percorreu quasi todas as ilhas, mas nem desta vez chegou ao continente.

Desembarcando em *Hispaniola*, foi grande a admiração de Colombo, quando vio sómente as ruinas do forte que elle havia construido, emquanto que a guarnição fora massacrada pelos indigenas, tilham sido injuriados e cobertos de opprobrio Colombo mesmo, com grande difficuldade pode applacal-os.

Ahi Colombo foi accusado de dolo e preso pelos seus juizes, por esses algozes, vis cortezãos, miseraveis adulatorés que buscavam as graças da corôa, lançando mão de infames baixeças.

Colombo foi então conduzido para a Europa, mas, quando elle desembarcou, excitou tal compaixão n'aquelles que elle tinha encheido outr'ora de prazer, que foi immediatamente solto, e todos os seus privilegios foram-lhe restituídos, e até recebeu novo contingente para uma terceira expedição.

Colombo depois de algum tempo, partiu de novo para a terceira expedição, no anno de 1498, sendo tambem acompanhado por pessoas encarregadas de o vigiarem.

Desta vez Colombo, tomando o rumo do Sul, e seguindo sempre esse rumo, foi chegar á embocadura do rio, chamado depois *Oren*, que navegou para as Antilhas, costeou o paiz que depois foi chamado *Columbia*, e voltou ás ilhas aonde promoveu muitos progressos, empregando todos os meios que estavam a seu alcance, e fez começar a agricultura. Mas desta vez tambem o pobre Christovão Colombo, como se os seus serviços devessem sempre ser pagos com ingratidão, desta vez, digo, foi elle preso, carregado de ferros, e mandado para a Hespanha.

O capitão do navio que levava Colombo, compadecido da sorte deste ultimo quiz-lhe tirar os ferros; mas elle respondeu-lhe altivamente que « sómente o rei que o tinha feito carregar de ferros, podia tirar-lhe esses mesmo ferros! » Chegado a Hespanha, no estado em que estava, foi tal a compaixão geral que até a propria Isabel de Castella cobrio-se de vergonha, e mandou que dessem a liberdade a Colombo.— Esse grande homem desgostoso, e penetrado de dor pela ingratidão com que era tratado, retirou-se do mundo, e foi morrer mais tarde na solidão, deixando ao cuidado da posteridade a vingança de que elle desejava gozar!

Nesta occasião um Florentino *Americo Vesputi*, ou segundo outros *Americo Vesputio*, seguindo a marcha de Colombo, chegou ao continente aon-

de desembarcou, e deu seu nome a esta parte do mundo que foi chamada *America*, e o nosso grande heroe deu apenas o seu nome a pequena republica de *Colombia*, que mais tarde se formou na America meridional! Assim foi descoberta a segunda parte do mundo, assim foi descoberta a America.

A Asia e Africa desde então desapareceram inteiramente do proscenio da historia geral; e a America e Europa entrelaçadas por doce união começaram então a pezar consideravelmente na balança da historia universal!!

J. A. S. RIBEIRO JUNIOR.

Os Esfaimados.

ROMANCE

POR JOSÉ MIGUEL DIAS FERREIRA.

O Thesouro.

VII.

Haviam já algumas semanas que tinham decorrido desde os ultimos acontecimentos, e Ricardo, José Maria e mais dous rapazes que lhes iam buscar á povoação todo o necessario, tanto para seu alimento como para sua cura, habitavam ainda na casa Solitaria.

Maria já se levantava e passeava a custo.

Com a noticia que logo corrêo por toda a povoação, de que havia grande deposito de comestiveis na casa « Solitaria » aquelles que não tinham ido, affaiam, então a buscar a salvação, e tornavam-se incommodos aos novos habitantes; porque levavam continuamente a contar o occorrido muitas vezes ao dia, e alguns dos mais esfaimados culpavam-os por já não encontrarem com que saciar a terrivel fome que os devorava. Viu-se aquelles homens semelhantes a esqueletos, maldizerem sua vida, e nos accessos de raiva acossados pela fome, chegaram a devorar os que morriam.

Os animaes de toda a especie não escaparam aquella multidão esfaimada.

Muitas milhares de vidas foram consumidas pela fome; e seria a desgraça de todos os habitantes, se a mão da Providencia não destinasse uma sociedade philantropica d'um paiz estrangeiro a condoer-se da sorte d'aquelles infelizes christãos.

A sociedade philantropica de Philadelphia foi a primeira que tratou de soccorrer os infelizes habitantes das ilhas de Cabo Verde. O povo esperava ancioso recursos de Lisboa; porém

desgraçadamente a metropole esqueceu esse dever sagrado, e foi preciso que primeiro viesse dar o exemplo uma nação estrangeira.

Tratou a sociedade de embarcar comestiveis, mas primeiro que chegassem ainda poderiam perecer muitas vidas, porque a distancia não é pequena.

O povo de Santo Antão ignorava que essa sociedade lhe enviaria recursos.

Os habitantes da casa « Solitaria » tinham guardado em uma divisão do subterraneo bastantes comestives que chegassem não só para elles, como para suas familias; á quem os rapazes de noite iam levar.

Ricardo principiou a preocupar-se mais com examinar todos os cantos do subterraneo.

Oh! Sr. José, será possível que os contrabandistas não escondessem aqui o dinheiro?!

Que dinheiro?

Pois elles não haviam de ter dinheiro?! Ora deixai-vos disso, amigo Ricardo.

Pois eu hei de continuar a examinar todos os recantos até descobrir alguma cousa..... E' trabalho perdido, porque salteadores não guardam dinheiro.

Ricardo, sempre te tratei como amigo e te dei o nome de filho, e agora como a um filho te repito que me acredites que salteadores não guardam dinheiro.

Bem! ficamos entendidos, não vos fallo mais no dinheiro que possa existir escondido nesta casa, mas hei de ver se descubro alguma cousa, e em paga do meu achado, seja elle qual fôr, casarei mais breve com vossa filha Maria...

Tu sabes que eu já te prometti a sua mão; e ella tambem te ama, e agora mais do que nunca; não é assim, minha filha? Maria conservava-se assentada em um canto, e corando não respondeo.

Bom! é uma aposta que fazemos, veremos quem ganha.

N'esse dia Ricardo entrou e sahio muitas vezes, sem dizer palavra.

A noite chegou; e depois de todos estarem dormindo, levantou-se, accendeu uma lampada, e desceu vagaroso e pensativo os degrãos do subterraneo.

Principiou a caminhar encostado ao muro, e examinava qualquer falha ou abertura com muito cuidado.

Depois de ter andado por muito tempo percorrendo a salla subterranea, chegou a um canto, onde estavam guardadas as barricas com os comestiveis que poderam esconder á multidão esfaimada.

Poz a lampada no chão e arredou alguns volumes; depois alumiu o lugar, e viu uma argolla de ferro pregada n'uma pedra da parede, que ficava quasi no chão; puxou-a com força,

e a pedra moveu-se, tornou a puxa-la e arrastou parte; continuou, e tirou-a.

Era uma pedra quadrada de trez palmos, que servia de porta á passagem feita da mesma fórma.

Oh! como descerei? provavelmente é alguma passagem secreta que elles tinham; mas é preciso procurar; e pondo a lampada adiante, foise escorregando, e sumiu-se.

Assim que pisou no chão, levantou a lampada e principiou a examinar todos os cantos do quarto onde estava.

Era quasi quadrado, baixo, e estavam postas em roda doze pedras. Do tecto do subterraneo pendia uma pequena lampada. Aqui haviam de se reunir para tratarem dos roubos, dizia Ricardo consigo, e continuava a examinar com attenção todo o aposento, no meio do qual parou prestando mais attenção ao chão onde tinha pisado; abaixou-se e vio ladrillho enterrado; escavou com as mão e tirou-o.

Via-se uma argola de ferro, pequena, presa a uma taboa, puxou-a, mas a força fez partir a taboa, e appareceu a tampa d'um cofre de ferro.

Ei-lo, Ricardo! exclamou elle consigo mesmo. Este deve ser o thesouro dos contrabandistas! Oh! minha boa estrella, acompanhai-me: meu Deos, dai-me forças para desenterrar este thesouro! Agarrou desesperado no resto da taboa e quebrou-a. Appareceu um cofre de ferro pequeno.

Ricardo quiz levanta-lo mas foi inutil; pesava demasiadamente.

Será possível que seja tão grande o thesouro que Deos quiz dar-me? Não! parece-me isto um sonho; onde estou eu? Mas o que digo, ainda não sei o que contem! vaidade humana, maldito ouro que cegas a todos! ora vamos e agarrando-o com dobrada força poude move-lo. Como o poderei abrir, se não vejo onde está a tampa?

Calcou com força de todos os lados, e a tampa abriu-se: Ricardo deu um grito de admiração e agarrando na lampada chegou-a ao cofre. Estava cheio de moedas de prata e ouro. Oh! felicidade! bem tarde me vens fazer companhia! Bemdicto sejaes meu Deos! tanto tempo fui pobre e agora quereis que seja rico... Pobre Maria, tanto soffreu... mas agora ver-me-hei em breve casado, e com fortuna para sermes felizes.

Eu não sou avarento; mas era pobre e Maria tambem é pobre. Deos de misericordia, eu vos bendigo e vos agradeço. E ajoelhando-se conservou-se por algum tempo em oração. Depois principiou a contar o dinheiro, o que durou bastante tempo. Examinou se havia alguma outra passagem, depois de tampar o co-

fre, poz o ladrilho, pegou na lampada, e subiu a salla onde estava José.

O velho dormia socegado.

Ricardo poz-se a contempla-lo em silencio, e disse baixo: Ah! bom pai e bom amigo! descansa, mas amanhã já me acharás mais alegre; e sem te dizer nada venci a aposta!...

Fui feliz, veremos o fim, confio em Deos, e não me fascino com mais de cincoenta mil cruzados que encerra o meu thesouro; mas ainda assim parece-me que sonho; e apalpando rio-se: dizendo:

E' esta a ordem do mundo: uns trabalham para os outros, mas agora hei de guarda-las continuamente. E tirando duas pistolas que estavam no vão d'uma parede foi-se deitar no aposento onde estava o thesouro, que nunca mais desamparou de noite.

(Continúa).

Philosophia.

SUA UTILIDADE, E SUAS RELAÇÕES COM AS OUTRAS SCIENCIAS.

Encetando a ardua tarefa a que me dedico, não busco senão um ingresso na carreira litteraria, que summamente me deleita; todavia eu não deveria elevar a minha voz em publico, se não fôra a confiança que tenho, na complacencia dos leitores, aos quaes peço queiram desculpar as imperfeições de que sem duvida abunda o meu mesquinho trabalho, imperfeições filhas da minha inexperiencia.

Desde a criação do mundo, desde Adão e Eva, Deus deu ao homem, o animal mais perfeito da sua criação, o distinctivo pelo qual elle se eleva acima de todos os outros animaes; deu-lhe a intelligencia e a loquella. Verdade é que a loquella a principio era muitissima imperfeita, e irregular, a intelligencia tambem mui pouco desenvolvida; mas a par desta verdade, não podemos contestar a superioridade do homem sobre os brutos, mesmo desde o primeiro homem.

Durante as varias vicissitudes porque tem passado o genero humano, desde a sua propagação, a intelligencia ou intellectualidade, e com ella todas as faculdades innatas da alma humana, têm-se desenvolvido e aperfeiçoado consideravelmente. Deixando agora de parte esses povos antiquissimos, esses Egypcios, Assirios, Phenicios, entreguemo-nos á contemplação do berço da civilisação europêa, dos nossos conhecimentos, isto é, contemplemos a antiga Grecia!

Não fallaremos aqui das diversas phases de sua colonisação, nem das alterações politicas e civis, nem das guerras que a dilaceraram, não.

O nosso fim é mais nobre; vamos admirar na Grecia, e em suas colonias, Thales, patriarcha da philosophia, Pythagoras, Zenon, o grande Socrates, Platão e muitos outros antigos philosophos, que são os fundadores da philosophia! Pythagoras; chefe da escola italica em Crotonna, na grande Grecia, foi o primeiro que inventou o nome de philolosophia, que quer dizer *amor da sabedoria*, porque dizia elle, Deus só tinha a verdadeira sabedoria, e o homem apenas tinha o desejo, o amor della. Os esforços desse philosopho, assim como os dos que lhe succederam, tendiam a principio a substituir a cosmogonia religiosa por uma cosmogonia scientifica; mais tarde o desenvolvimento da razão humana deu a philosophia um fim mais nobre! e seguindo nós a maxima de Thales de Mileto « *homo nasce te ipsum, homo serva te ipsum* » baseamos a philosophia nestas trez proposições:

Quem sou eu? De onde venho? Para onde vou?

As quaes mostram ao homem o dever de conhecer-se a si, a sua origem e seu fim!...

Quem sou eu?

Homem, o que es tú? de que es formado? ... De onde venho? Homem, qual é a tua origem? quem te creou? de quem procedes?...

Para onde vou?

Homem, qual é o fim para que foste creado? Eis as molas reaes, eis a base da philosophia!...

Pasma a intelligencia, recua a razão, treme a sciencia!... não!... avança, avança sempre!... busca penetrar nesse mysterio.... reúne as tuas forças, não esmoreças!... é, na verdade, o homem ousado no caminho das trevas, busca a vereda da verdade, em fim triumpho das difficuldades, e apparece então essa brilhante e gloriosa acquisição para o genero humano!...

(Continúa).

POESIAS.

O canto do zagal.

Quem não ha de invejar esta vida
Tão alegre, feliz do zagal,
De nefandas paixões exhanrida,
Não existe no mundo outra igual.

Rompe o sol no horizonte formoso,
Leva ao bosque o rebanho a pastar,
Ai que dia, que dia ditoso,
Minha fruta fazendo soar.

Esse luxo que ostenta a cidade,
 Serve só p'ra miseria cobrir,
 Lá um peito não tem liberdade,
 Nem lá póde innocencia existir.

Insensatos! que alcunham desgraça
 O socego em que vive o pastor,
 Ignoram no tempo que passa,
 Uma hera não tem de amargor.

Vagando no bosque e no prado,
 Tudo, tudo lhe diz harmonia,
 E n'um toco abandona gravado
 Rudes cantos de alegre poesia.

Quem não ha de invejar esta vida
 Tão alegre, feliz do zagal,
 De nefandas paixões exaurida,
 Não existe no mundo outra igual.

Minha fruta inda é mais delicada
 Do que a lyra do grão Trovador,
 Canta a lyra o valor de uma espada
 Diz a fruta os arcanos da flôr.

Diz a fruta da rola os gemidos
 Solitaria no bosque a errar,
 Diz a fruta da ovelha os ballidos
 Quando quer os seus filhos chamar.

Mais feliz minha fruta que a lyra
 Quando á terra fugir vai o sol,
 Porque então mais um som se lhe ouvira
 Do mavioso cantor rouxinol.

Quem não ha de invejar esta vida
 Tão alegre, feliz do zagal,
 De nefandas paixões exaurida
 Não existe no mundo outra igual.

Rio, 21 de Setembro de 1856.

MANOEL ALVES V. P. CASAL.

Estou varado!

NO ALBUM DO SR. JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Estou varado! na verdade
 Não me deixa saudade
 Esse pranto que ahi vai;

Esse choro de criança
 Que de *luzio* na *mamança*
 Faz perder toda a esperança
 Ao *bilioso* papai.

Esse pranto tão sentido
 Que do peito terno — fido
 Sahe em lavas — borbotões;
 Esse arfar do pensamento
 Preso já no juramento,
 Que nos traduz almo intento
 De alguns *chochos* corações.

Esses dias decantados
 Em que a sós, ambos pasmados
 Vejo o amante e sua ella;
 Esses dias tão formosos
 Bem claros luminosos,
 Que traduzem tantos gozos
 Para elle e p'ra a donzella.

Mas que digo? a *pasmaceira*
 Ha de ser sempre uma asneira
 Com os ternos namorados;
 Gosto muito de intréter
 Relações que dão prazer,
 E que podem m'offrecer
 A verdade sem peccados.

Mas passar os bellos dias
 Em mentidas alegrias
 Que redundão em desgraça,
 Suspirar horas inteiras
 E crear com taes asneiras
 Pronunciadas *olheiras*!....
 Nada, nada, que é *xalaça*!

P'ra que pois tornos amantes
 Ao amor sois tão constantes
 Se o amor é uma illusão?!.....
 A mulher é *bicho feio*
 Cujos protestos não creio
 Porque tenho meu receio
 De cahir em *logração*!....

Rio, 20 de Setembro de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

A uns olhos.

O. D. E C.

A

E. R. de S. G.

Lindos olhos tão negros! tão negros!
E tão bellos!... tão meigos eu vi!...
Com ternura disseram — Amor!... —
Logo amor em meu peito senti!

Louco, agora esses olhos eu amo,
Como nunca eu amei a ninguém!...
Era feliz se esses olhos tão lindos
Tão constantes me amassem também!...

Olhos negros se ouvires meu canto
Tão saudoso!... tão cheio d'amor!
Acolhei-o no seio benigno
Suspirai pelo vosso cantor!...

Larangeiras, 11 de Agosto de 1846.

DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

Eu quero ir enforcar-me!...NO ALBUM DO SR. ANTONIO XAVIER RODRIGUES
PINTO.

Eu quero ir enforcar-me! não te opponhas
A este meu recurso financeiro...
Que as minhas algibeiras soffrem muito
Por falta de dinheiro!

Eu quero ir enforcar-me! da existencia,
As illusões p'ra mim todas finaram...
Qu'umas botinas de dez mil réis novas,
Já se me acalanharam!

Eu quero ir enforcar-me! oh! é forçoso
Esta vida deixar de horriveis tratos!
Todos de mim oh! desventura riem,
Riem-se os meus sapatos...

Eu quero ir enforcar-me! deixar quero
Este mundo tão cheio de desgraça!
De amargoso café não mais pretendo
Pôr aos labios a taça...

Eu quero ir enforcar-me! e tu não julgues
De minha triste idéa isto arrancar;
Pois minha amada, só minha, hontem vi
Um outro a namorar!

Eu quero ir enforcar-me! ao abandono
Viver não quero sem morrer primeiro...
De minha enforcadura ao outro mundo
Ser quero o mensageiro!...

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Ausencia e saudade.

Se tu, Marilia, souberas
O quanto por ti padeço,
De mim compaixão terias
Compaixão que bem mereço.

Vejo-me ausente de ti,
E da saudade forçado,
Suspiro, choro e lamento
O rigor do triste fado

E tu ingrata não ouves
Nem meus ais, nem meus lamentos
Longe de mim olvidastes
De amor os doces momentos.

Oh! que dôr! que amargura!
Já te não vejo a meu lado,
Outr'ora fui venturoso
Agora sou desgraçado.

Mas se inda sentes no peito
O puro amor d'algum dia,
Vem pressurada a meus braços,
Vem fazer minha alegria.

Vem oh! vem não te demores,
Apressa o doce momento,
Vem fazer minha ventura
E acabar meu soffrimento.

Mas que digo, oh!... tu não podes
Ouvir o meu triste brado,
Ai de mim, fatal destino,
Serei sempre desgraçado.

Ai de mim, que perseguido
Por negra fatalidade,
Soffrerei cruenta dôr
D'amargá — ausencia e saudade.

BELMIRO.